

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA GEOGRAFIA, NO ÂMBITO ESCOLAR¹

DINIZ, Carlos Alberto Malveira²

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Brasil
carlosalbertodiniz@ymail.com

FONSECA, Patrícia Santos

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Brasil
patyfonseca10@hotmail.com

GONÇALVES, Ellen Fabiana Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Brasil
fabianageografia@gmail.com

SILVA, Patrícia Cerqueira

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Brasil
patriciacerqueiramoc@hotmail.com

Resumo

A Geografia como ciência consolidou-se durante o século XIX, no Brasil somente a partir da década de 1970, período em que iniciou-se um movimento de renovação da Geografia dividindo-a em dois segmentos: Geografia Pragmática e Geografia Crítica. Dentro da perspectiva da Geografia Crítica está sendo desenvolvido um trabalho interdisciplinar procurando retratar diversas categorias espaciais. Neste sentido, os conteúdos abordados em sala de aula buscam interligar teoria à realidade vivenciada pelos estudantes. Este artigo tem como principal objetivo analisar o processo de ensino aprendizagem da Geografia, buscando enfatizar procedimentos, práticas e dinâmicas utilizados pelos docentes no âmbito escolar, com o intuito de incentivar a capacidade do aluno de expor suas idéias e pensamentos na aquisição e construção do conhecimento. Logo, a educação é vista como o principal meio para a receptividade desse aprendizado, sendo considerada a responsável pela direção e transformação da sociedade. Para tanto, foi realizada a revisão bibliográfica de autores que discutem essa temática. De fato, o estudo em pauta possibilita melhores reflexões do processo de ensino aprendizagem, o que corrobora na busca de novos caminhos e instrumentalização para modificar a realidade vivenciada.

Palavras-Chaves: Geografia, Ensino Aprendizagem, Geografia Escolar, Metodologias, Educação.

¹ **Eixo temático:** Enseñanza y aprendizaje de la Geografía. Artigo produzido por acadêmicos bolsistas do Programa Institucional da Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

² Acadêmicos do Curso de Geografia da UNIMONTES – Bolsistas da CAPES, Brasil.

INTRODUÇÃO

A contextualização histórica e social da sociedade contemporânea, com advento da globalização dos avanços científicos, tecnológicos e as profundas transformações dos meios de informação e de comunicação têm afetado diretamente o nosso cotidiano, exigindo um sistema educacional reconstruído e reformulado, onde a educação fomente e tenha como prioridade a formação de cidadãos que possam agir na sociedade de forma crítica e transformadora da realidade, seja de seu bairro, cidade ou até de sua nação.

A Geografia é uma das ciências mais afetadas por essa modernização da sociedade e intenso fluxo de informações que ocorrem nos meios de comunicação, principalmente pela internet. Muitas pessoas acabam não dando relevância a esta disciplina por simplesmente acharem que os temas ensinados em sala de aula podem ser observados, discutidos e vistos pela TV, rádio, revistas e outros meios, o que não é absolutamente verdade.

Sendo assim, os professores dessa disciplina precisam criar métodos e técnicas para que o processo ensino aprendizagem possa acontecer dentro da sala de aula, despertando nos alunos o interesse e a visão crítica dos temas abordados na Geografia escolar, de modo que o conhecimento seja absorvido, deixando de lado toda aquela mania de decorar.

Para isto, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, órgão do governo Federal, preocupada em melhorar a qualidade do ensino, dos Cursos de Licenciatura, desenvolve o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

UM POUCO DE HISTÓRIA E ORIGEM DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Sobre o conhecimento geográfico, podemos constatar que suas origens são mais remotas que o próprio surgimento da escrita, pessoas que ainda não tinham noções de caligrafia utilizavam antigos métodos cartográficos para se localizar e comunicar. Verificando este fato, Oliveira (1999, p.92) nos esclarece que “em atendimento aos mapeamentos e tradições, os mapas surgiram antes da escrita, traduzindo os registros de lugares e de outros grupos humanos ou de animais”. Porém, esse conhecimento ainda não era

considerado ciência, mas um puro saber racionalista. Somente em meados do séc. XVIII, com o desenvolver do pensamento científico moderno, é que a Geografia testemunha uma forte discussão quanto a sua origem e objeto de estudo.

Quanto a esse período, Gomes afirma:

O séc. XVIII é conhecido pela riqueza de suas discussões, algumas das quais concernem diretamente à geografia, seja pelo novo olhar que foi lançado sobre a natureza, o homem e suas relações recíprocas, seja pelo estabelecimento das novas regras e princípios que fundam o pensamento científico moderno. Várias transformações foram produzidas durante este período, situado a meio caminho entre a Renascença e suas tradições e a idade moderna, a mesma que viu a constituição de uma geografia científica. (GOMES, p. 132/133)

Em linhas gerais, a Geografia Moderna primava pelo conhecimento concretizado da superfície terrestre em termos de forma, dimensão e limites. A busca por novas terras, grandes descobertas, o período de estabelecimento de uma economia planetária, a partir da expansão do modo de produção capitalista, a busca pelo conhecimento de novos territórios dava condição ao surgimento da ciência. Desta forma, seu pressuposto principal era o conhecimento efetivo do planeta, no período compreendido entre o século XV a XVIII, momento no qual o conhecimento de informações, demarcação de limites e aprimoramento cartográfico eram tarefas principais do Geógrafo.

Na história do pensamento geográfico, Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter são apontados como os principais pensadores que iniciam a Geografia moderna, a partir de suas publicações. Foram tais pensadores que deram início à sistematização dessa disciplina, buscando definir seu objeto de estudo que vem, por diversos momentos, da história, definido e conceituado. Moraes (2002, p.77) nos remete que

é quase unânime, entre os historiadores do pensamento Geográfico, a aceitação do papel pioneiro de Alexandre Von Humboldt, ao lado de Carl Ritter, no processo de sistematização dessa disciplina.

A partir do século XIX, essa disciplina firma-se como ciência, advinda dos trabalhos de Humboldt e Ritter. Porém, o conhecimento Geográfico, o ensino e aplicação da Geografia advêm da pré história e se expandiu na medida em que a sociedade se desenvolvia.

Já no Brasil, o ensino e aplicação da Geografia são mais recentes, tendo seu início no século XX, mais precisamente após a Revolução de Trinta.

Andrade (1987, p.81) nos lembra que, “na chamada República Velha, foram publicados livros de interesse geográfico, influenciados, sobretudo pelos geógrafos alemães e franceses”. É neste período, da Revolução de Trinta, que a Geografia brasileira, com forte influência do pensamento da escola clássica francesa, começa a melhor se organizar, tomando força e campo entre as ciências brasileiras. É dessa época, também, o surgimento de dois órgãos que vão impulsionar o desenvolvimento da Geografia, no Brasil: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB. Sobre estes órgãos Andrade afirma:

O IBGE seria a instituição que primeiro admitiria a existência de profissionais de geografia, não dedicados ao ensino, mas à pesquisa, embora tenha fornecido professores a numerosas universidades. Também de 1934 foi a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), organizada inicialmente pelo professor Pierre Deffontaines e que durante alguns decênios prestou notáveis serviços ao desenvolvimento da Geografia no Brasil. (ANDRADE 1987,p. 83)

É possível notar a tamanha importância que teve estes órgãos na formação e consolidação da Geografia brasileira, seja na formação profissional daqueles que já atuavam na área, daqueles que ingressavam neste ramo, ou mesmo como fortalecimento da própria ciência geográfica.

Em 1956 é realizado, no Brasil, o XVIII Congresso Internacional de Geografia e este evento gera um enorme estímulo entre os geógrafos do país, marcando uma nova fase na Geografia brasileira. Andrade (1987, p 87) afirma que o XVIII Congresso levou os geógrafos brasileiros a fazerem “uma reflexão maior sobre os métodos, técnicas e objetivos da ciência geográfica e sobre a natureza da Geografia e dos objetivos a serem atingidos com a sua utilização”.

Assim, foi dado um rumo ao pensamento geográfico brasileiro, promovendo discussões sobre os métodos, técnicas e objeto de estudo desta ciência, levando vários pesquisadores da área a discutirem o tema e, ao mesmo tempo, enriquecerem o conhecimento científico da nossa Geografia.

Enfim, estes são apenas alguns dos vários acontecimentos históricos que fortaleceram a Geografia brasileira e que foram essenciais para que esta ciência se firmasse e pudesse ter grande êxito e desenvolvimento em nosso país.

GEOGRAFIA E SEU OBJETO DE ESTUDO

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo da Geografia contemporânea, esta ciência conta com método da interdisciplinaridade, tornando-se uma disciplina de análise, onde o espaço geográfico é o campo de investigação, pois é nele que acontece a relação sociedade e natureza responsáveis pelo processo de dinamização, produção e reprodução do espaço fazendo assim, da Geografia, uma ciência responsável por estudar os fenômenos físicos, biológicos e sociais.

Quando trabalhamos o espaço, percebemos que ele se torna amplo, dinamizado, constituído de elementos teóricos e práticos e, na medida em que aprofundamos em seu estudo, notamos que é possível fragmentá-lo em partes, ou melhor, em categorias geográficas como lugar, região, paisagem, território, redes, técnicas e escalas; permitindo-nos, assim, criar conceitos específicos referentes a cada categoria, o que nos pode levar a interdisciplinaridade com outras ciências, promovendo o desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento geográfico. Segundo Oliveira, a Geografia

é uma disciplina científica que trabalha com o espaço, em termos relativos e relacionais, de um ponto de vista horizontal, ambiental e social. Geografia é aquilo que os geógrafos a fazem, e tornam necessárias e relevantes. Geografia é aquilo que os geógrafos querem ou desejam. (OLIVEIRA 1999, p.95)

Portanto a Geografia é mais que uma disciplina em sala de aula, é uma ciência que vai nos ajudar a melhor entender a natureza e seus fenômenos, a organização e os modos de vida do homem em um determinado espaço; sendo este o objeto de estudo da Geografia notemos que sem ele nada pode ser representado, afinal o espaço, pelo menos para nós geógrafos, é o palco onde se realiza todo o teatro da vida em nosso planeta.

UMA BREVE REFLEXÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL (NOVAS METODOLOGIAS E DIFICULDADES DO PROFESSOR)

O sistema de ensino da Geografia no Brasil vem sofrendo grandes transformações, sendo notória a procura de dias melhores para o sistema educacional, com a tendência de aperfeiçoar o processo de ensino

aprendizagem, procedimento este, que constitui papel importante para manutenção e transformação do sistema organizacional da sociedade.

Dentro desse processo de reformulação e reconstrução do sistema educacional, o ensino da Geografia, diferentemente de outras disciplinas, coloca em conflito seus educadores, em decorrência do seu movimento renovador, dando-lhes duas possibilidades: permanecer num ensino tradicional descritivo, sem nenhum envolvimento com as práticas sociais, ou arriscar a percorrer outros caminhos de criticidade e dinamismo.

O ensino tradicional descritivo pode ser compreendido conforme o pensamento de Vesentini (2004, p. 222), onde a geografia escolar é aquela “alicerçada no paradigma ‘a Terra e o homem’, com uma sequência predefinida de temas: estrutura geológica e relevo, clima, vegetação, hidrografia, população, economia”; um método que algumas décadas atrás era funcional e eficaz, pois o que era ensinado dentro da sala de aula era perceptível ao aluno quando o mesmo não se encontrava dentro da escola e as informações não fluíam com igual rapidez, como vem acontecendo, recentemente, com o bombardeio de informações pelos meios de comunicação.

Longe de nós fazermos críticas ao método tradicional, que ainda é utilizado por muitos professores. Queremos apenas destacar é que numa sociedade conectada em redes como a nossa, atualmente, os educadores da Geografia escolar precisam ir muito além do que simples aulas expositivas, quando conhecimento é apenas repassado.

E por isso ressaltamos a importância de novas metodologias e conteúdos no ensino da Geografia, de modo que o conhecimento se torne agradável e interessante aos alunos. De acordo com Vesentini a geografia escolar deve

Levar o educando a compreender o mundo em que vive, o espaço geográfico desde a escala local até a global. E a compreensão desse espaço passa necessariamente pelo estudo da natureza-para-o-homem, das paisagens naturais como encadeamento de elementos (clima, relevo, solos, águas, vegetação e biodiversidade), que possuem as suas dinâmicas próprias e independentes do social. E também passa, principalmente nos dias de hoje, pelo estudo da questão ambiental, que não pode prescindir da dinâmica da natureza (e suas alterações/reações diante da ação humana), que é fundamental para que possa perscrutar os rumos de cada sociedade nacional e da própria humanidade neste novo século. (VESENTINI 2004, p.228/229)

Seguindo este pensamento de Vesentini, destacamos que o livro didático não deve ser usado como única ferramenta do professor, este deve estar sempre em busca de diferentes métodos e metodologias que motivem, nos alunos, a busca pelo conhecimento.

Uma metodologia interessante de ensino da Geografia é instigar, no aluno, o interesse pela investigação e pesquisa da sua realidade local e das características da sociedade ou comunidade onde ele está inserido, ou seja, promover o estudo do meio, como afirma Malysz

O meio, como um “laboratório geográfico”, está disponível para alunos e professores em todos os graus de ensino. Precisamos enxergá-lo e explorá-lo como recurso para aprendizagem significativa dos conceitos de Geografia. O meio é a sala de aula, o pátio da escola, o refeitório, o corredor, a rua, o colégio, a casa do aluno, o bairro, a cidade, o município, o parque florestal, o fundo do vale etc. (MALYSZ 2007, p. 172)

Segundo o autor, o meio possibilita o intercâmbio entre o ensino teórico da Geografia e a prática, uma vez que o educando, através da observação do seu meio de vivência, terá maior facilidade em agregar o conhecimento e reproduzi-lo.

E neste contexto, muito mais que ser professor, o profissional desta área precisa amar o que faz, pois na tentativa de querer melhorar suas aulas esbarra-se na carência de investimentos para aquisição de materiais didáticos necessários a essa disciplina, como mapas, globos, atlas, sala de informática (quando tem a sala não possui computadores suficientes para uma turma). Além da desvalorização dessa área de conhecimento, por algumas pessoas da sociedade moderna atual, é uma situação possível de se verificar, conforme a fala de Vesentini,

O ensino de geografia vem sendo questionado pela autoridade, pelos educadores e pelo público em geral, que algumas vezes pensam que esse saber é obsoleto para dar conta dos desafios do mundo atual, e, outras vezes acreditam que o melhor seria uma profunda reformulação no seu conteúdo e nos seus objetivos. Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia - mnemônico e descritivo alicerçado no esquema “a Terra e o homem” – não tem lugar na escola do século XXI. (VESENTINI, 2004 p.220)

De fato, essa ciência, considerada interdisciplinar, vem sendo questionada e criticada, não pela falta de conteúdo-problema, mas sim, pelo processo de ensino aprendizagem que nem sempre é objeto de didáticas diferenciadas que estimulem o desenvolvimento e a prática de ensino. Por isso,

é importante - quando o professor se encontra nessa situação de falta de recursos e reconhecimento – entrar em prática a criatividade do docente que, para tornar suas aulas mais dinâmicas, pode criar jogos geográficos, debates, aulas de campo, enfim, inúmeras atividades que produzam e reproduzam o conhecimento para e com o educando.

Nesse sentido de querer melhorar a qualidade da educação e formação de professores, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPE, órgão do governo Federal, desenvolve o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, tendo como objetivo principal, incentivar graduandos dos Cursos de Licenciatura Plena para o contato direto com a educação básica, através da interação de acadêmicos de instituições superiores com estudantes do ensino básico, de modo que estes sejam incentivados ao exercício docente.

Nessa perspectiva, visamos melhorias na educação em todos os níveis de ensino no país, de modo a despertar no educando, um maior interesse pelo saber, aprender e produção do conhecimento e, ao mesmo tempo, formando professores que tenham habilidades em desenvolver recursos e metodologias inovadoras em sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Assim, como em toda área da educação, o processo ensino aprendizagem também precisa estar presente nas aulas de Geografia escolar, uma disciplina que aborda um variado leque de assuntos, para que a transmissão do conhecimento ocorra de maneira atrativa e que seja pensado e discutido por alunos e professores.

Quando se discute a arte de ensinar, é impossível não falar no ato de aprender, pois existe uma ligação muito forte entre ensino e aprendizagem, de modo que a transmissão do conhecimento não ocorre em seu mais perfeito estágio se estes dois processos não estiverem interligados, como afirma Freire:

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. (FREIRE 1996, p. 23/24)

Vemos, então, o quanto é importante para a educação o processo de ensinar e aprender estarem trabalhando unidos. A seguir, destacamos a importância de ambos, tentando mostrar a intimidade que existe entre ensino e aprendizagem.

O ato de ensinar é um compartilhar do conhecimento entre professor e alunos, que será transmitido pelas próprias experiências adquiridas através de habilidades da sua vida, tendo como objetivo atingir, através de atividades variadas, resultados previamente determinados. Coll (1994, p.157) define ensino como sendo um “conjunto de atividades sistemáticas mediante as quais professor e aluno chegam a compartilhar parcelas progressivamente mais amplas de significados com relação aos conteúdos do currículo escolar”.

Dessa forma, os docentes devem utilizar vários métodos de ensino, sobretudo a procura de soluções para as dificuldades apresentadas por cada aluno. Por sua vez, os discentes têm seu processo de aprendizado diferenciado, merecendo atenção e cuidado e, se necessário, ensinar-lhes de tal forma que possam compreender melhor o conteúdo.

Mediante as referidas argumentações, conclui-se que o ensino é inerente a toda sociedade, a transmissão do saber se reflete a cada instante no ser humano, direta ou indiretamente. A forma de ensinar tende a procurar maior exigência dos educadores e evolução no relacionamento entre esses e os alunos, no intuito de facilitar o entendimento dos mesmos.

O processo de aprendizagem está inserido na forma de aquisição de novos conhecimentos, experiências e informações e na busca por novos conceitos, visando sempre a melhoria do ensino. Através da aprendizagem é possível notar uma mudança no comportamento, atitudes, valores e habilidades do ser humano que, conseqüentemente, resulta em uma melhoria nas relações interpessoais.

Tendo como base o processo de aprendizagem de uma criança, percebe-se, inicialmente, que há uma vinculação na relação com seus genitores, responsáveis diretos pelo seu desenvolvimento e aperfeiçoamento na formação de sua personalidade, que refletirá ao longo de sua trajetória.

Posteriormente, a escola assume um papel importante na formação desse adolescente, no seu aprendizado, objetivando não só lhe passar o conteúdo curricular obrigatório, mas transformá-lo em cidadão participativo na sociedade, através de suas potencialidades.

Vigotski, citado por Gasparin (2007, p.87) afirma:

A aprendizagem é um momento interiormente indispensável e universal no processo de desenvolvimento de peculiaridades não naturais, mas históricas do homem na criança. Toda a aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que suscita para a vida uma série de processos que, sem ela, absolutamente não poderiam surgir.

Em suma, a aprendizagem tem o objetivo de alcançar aquilo que foi ensinado às pessoas, o que as torna capazes de criticar antigos e novos conhecimentos e, conseqüentemente, construir uma nova síntese que possa ser aplicada a várias outras situações, que, conseqüentemente, gera um cidadão mais reflexivo e articulado de idéias para viver em sociedade ou, até mesmo, para mudar a realidade local de sua comunidade.

Como podemos verificar em nossa discussão, o processo ensino aprendizagem tem como objetivo estimular o pensamento, atribuindo ao aluno a capacidade de expandir suas idéias e pensamentos. Os docentes têm a habilidade de mediador, uma vez que intervêm para promover mudanças, tornando um colaborador do processo de ensino aprendizagem do aluno.

Vale destacar que o ensinar e aprender são tarefas diárias de qualquer educando e educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação deste artigo foi de valor imprescindível para compreendermos a necessidade de transformar o ensino da Geografia em sala de aula, pois o mesmo é considerado como enfadonho devido a atitude dos professores que antes obrigavam os discentes a decorarem a matéria, fazendo com estes não se sentissem à vontade para aprofundar no estudo do conteúdo. Portanto, cabe a nós, acadêmicos de Geografia e futuros professores, a missão de transformar as aulas de Geografia, envolvendo os alunos em conteúdos dinâmicos e atraentes, fazendo com que os discentes se interessem pela disciplina.

Para efetivação do mesmo, faz-se necessária a busca de especializações, cursos adicionais e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID vem em um momento importante para nós, acadêmicos da licenciatura, e, principalmente, para o nosso curso de Geografia que é uma ciência intensa que nos leva para várias vertentes na busca de transformar o processo ensino aprendizagem. Com este programa, temos a oportunidade de levar aos alunos da educação básica toda essa intensidade da ciência geográfica.

Na falta desses cursos ou programas, cabe ao professor que tem interesse em tornar as suas aulas mais agradáveis, onde o conhecimento é disseminado e não estático, investir em sua criatividade, inventando ou reinventando novas metodologias para uma melhor didática.

Logo, a educação é vista como o principal meio para a receptividade desse aprendizado, sendo considerada a responsável pela direção e transformação da sociedade.

Referências:

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução á análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Tradução de Emilia de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. In: PASSINI, Elza Yasuko (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **A Gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: HUCITEC/ Annblume, 2002.

OLIVEIRA, Livia de. **Que é Geografia**. Uberlândia, MG: Revista Sociedade e Natureza: 89-95, jan/dez.1999.

VESENTINI, José Willian. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, José Willian (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001. **Apud** GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.